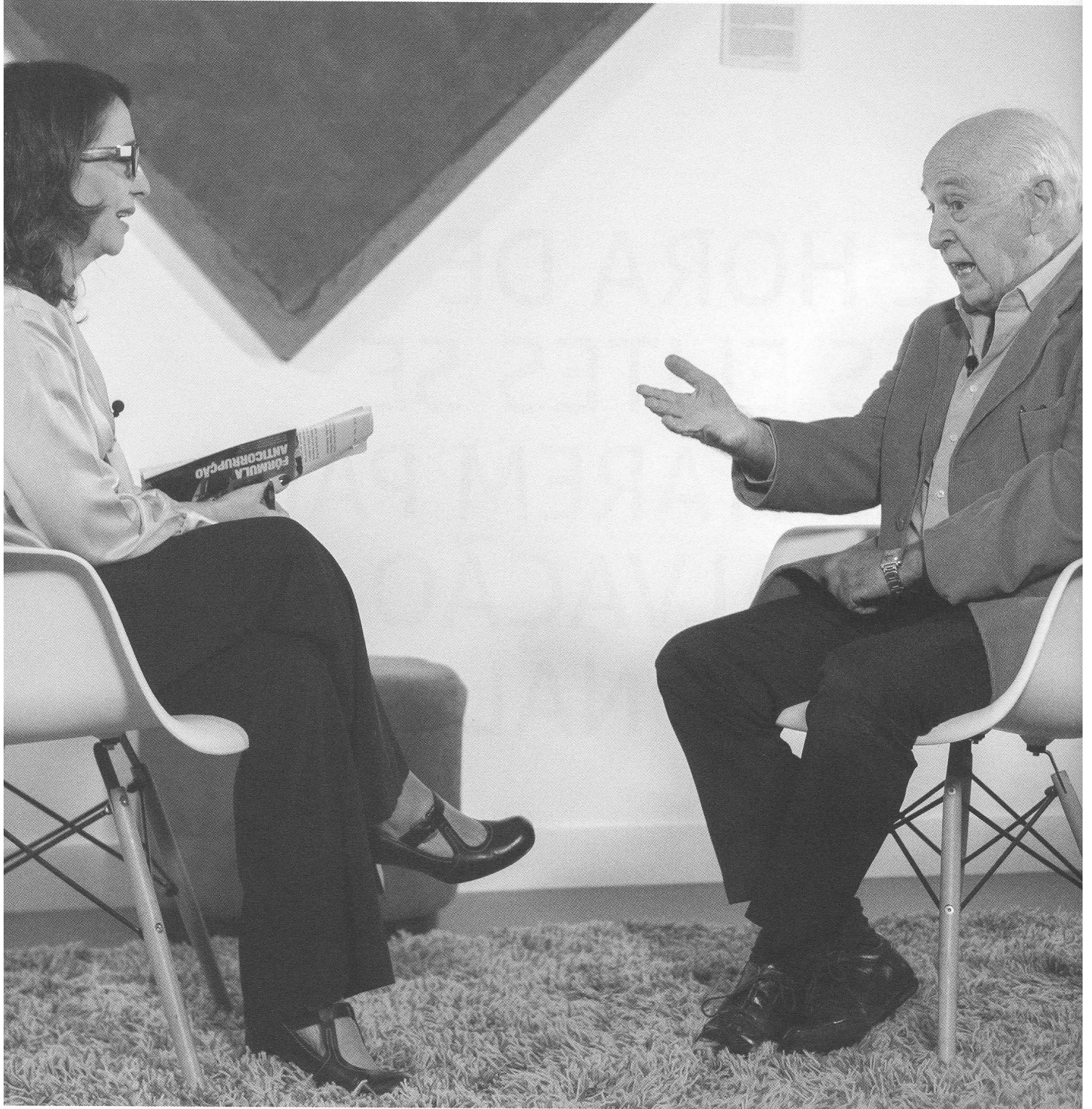


# É HORA DE AS ELITES SE JUNTAREM PARA A SALVAÇÃO NACIONAL

O ECONOMISTA E CIENTISTA POLÍTICO LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA, EX-MINISTRO DA FAZENDA, ANALISA AS RAZÕES QUE NÃO PERMITEM QUE O BRASIL CRESÇA NA MEDIDA DE SUAS NECESSIDADES E POSSIBILIDADES. ALÉM DISSO, ELE COMENTA O MOMENTO DELICADO NA POLÍTICA E A CISÃO DAS CLASSES SOCIAIS NO BRASIL, ADVERTINDO QUE AS ELITES DEVEM SE JUNTAR POR UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA NACIONAL.



### **Qual a sociedade que almejamos ter hoje?**

Acho que sempre quisemos ser uma sociedade como a que existe na Europa. Os Estados Unidos pioraram nos últimos 50 anos, enquanto a Europa, não. Nos países ricos, com padrão de vida bastante alto, a desigualdade não é muito grande – nos países escandinavos, pode-se até chamá-la de baixa –, a democracia é muito forte, o peso do dinheiro é pequeno, não há eleições patrocinadas por empresas. Isso é o que nós queremos. O problema é saber como chegamos lá. Tem uma porção de gente que acha que para chegarmos lá é só fazer exatamente aquilo que eles nos mandam fazer.

### **O quê, por exemplo?**

Copiar tudo o que eles fazem para promover o desenvolvimento econômico. “Vocês devem liberalizar tudo, porque nós já liberalizamos tudo.” Coisas desse tipo. Acontece que, quando eles se desenvolveram, no estágio em que o Brasil está, no século passado e no século 19, eles tiveram uma intervenção do Estado muito forte. Depois, logo após a Segunda Guerra Mundial, eles tiveram os chamados “trinta anos dourados do capitalismo”, novamente uma intervenção forte do Estado, altamente bem-sucedida, tanto assim que esse nome se manteve. Depois, voltaram para o liberalismo econômico radical, o neoliberalismo, e tiveram imensa concentração de renda. Sofreram também uma crise brutal em 2008. E, novamente, agora, só se fala em crise lá em cima, nos países do norte. Então, queremos ser como os países ricos, democráticos e sociais. Como chegar lá, só nós podemos saber. Temos de estudar os outros países, as outras teorias, mas temos que trabalhar com a nossa própria

cabeça, de acordo com os nossos interesses, que não são os mesmos que os deles.

### **Como a formação (o capital humano) é inserida nesse desejo de mudança?**

O capital humano, a educação, é absolutamente fundamental. Isso todos nós sabemos. A questão é se estamos fazendo bem esse trabalho agora. Eu acho que sim. Na verdade, até a transição democrática de 1985 e a Constituição de 1988, as elites não tinham interesse em alfabetizar o povo brasileiro. Nunca deram prioridade para essa questão. Eles tinham prioridade de alfabetizar a classe média, que fazia parte dessa elite, e mais nada. Era o modelo do Caetano de Campos aqui, em São Paulo. Em cada capital do Brasil havia um Caetano de Campos e as escolas de freiras e padres, inicialmente. Uma coisa bem significativa disso foi que, na Constituição de 1946, nossa primeira Constituição democrática – ou quase democrática –, os analfabetos não tinham direito a voto. Quando isso foi feito, as elites perderam qualquer interesse em que os analfabetos se tornassem alfabetizados, porque aí teria o voto, e o voto deles era sempre algo incômodo. Desde 1985, o Brasil está fazendo tudo o que tem que fazer para ascender na educação. Cláudia Costin, que trabalhou comigo e foi diretora para Assuntos de Educação do Banco Mundial, disse que o Brasil é um dos países que mais avança nessa área. Só que avança a partir de uma base muito ruim.

### **Como pacificamos socialmente o Brasil nesse sentido?**

O desenvolvimento do Brasil está muito ruim. A partir de 1985, a nossa educação passou a ser uma coisa muito importante. Eu diria mais: desde 1985 temos

uma democracia, e essa democracia se tornou uma democracia social, porque houve um aumento grande do gasto em educação e saúde. Na saúde, criamos o SUS, que, com todos os seus problemas, é uma maravilha para um país com a renda per capita que temos. A previdência avançou, embora tenha um problema que precisa ser ajustado. Enfim, houve grandes avanços na área social e na área político-democrática. Mas na área econômica foi um desastre. Essa é a palavra. Não é que agora está um desastre, é um desastre desde então. O Brasil está semiestagnado desde 1980. Por que chamo semiestagnado? A renda per capita brasileira cresce a 1% por ano, enquanto no período anterior, entre 1930 e 1980, o Brasil crescia a uma taxa de 4%. A diferença de 4% para 1% é enorme. Em dez anos, já faz uma diferença muito grande; em 20, muito mais. O grande desafio brasileiro é retomar o desenvolvimento. Primeiro, fazer o diagnóstico, porque grande parte da sociedade brasileira não percebeu que estamos semiestagnados, crescendo muito pouco. E também lá fora, os países ricos, que não têm nenhum interesse no desenvolvimento do Brasil, estão sempre dizendo que o Brasil é um país emergente, é um país maravilhoso. Em 2009, a *The Economist* fez a capa com um Cristo Redentor virando um foguete – o Brasil decolava. Na verdade, não era nada disso, estamos semiestagnados desde 1980, temos que entender por que e tomar providências. Não estamos fazendo isso.

### **Existe disposição em buscar esse diagnóstico?**

Acho que não há disposição. As elites brasileiras e seus economistas continuam amortecidos. Nesta crise brutal que entramos agora, em que o PIB, neste ano

de 2016, vai cair quase 4%, todo mundo está preocupado. A estagnação, nos anos de 1980 até 1994, tinha uma causa muito clara. Era uma grande crise da dívida externa, que provocou uma alta inflação inercial. Os brasileiros estavam muito preocupados, querendo se livrar disso. Quando veio o Plano Real, todos nós, eu inclusive, acreditamos que o Brasil iria passar a crescer muito fortemente, mas não aconteceu. Apenas num período de cinco anos do governo Lula, não por causa da política econômica, mas por causa do *boom* de *commodities*, o Brasil cresceu bem. Os outros anos, desde 1994, foi 1% per capita. Essa é a quase estagnação, e as pessoas não querem saber disso.

#### **É possível ter o controle de uma política econômica sem estar à mercê de um contexto externo ou mesmo interno?**

Os economistas têm de trabalhar diante de restrições muito claras, internas e externas. Mas é preciso que os economistas reconheçam que há uma estagnação de longo prazo. Fiz isso há muito tempo. Em 2007, publiquei um livro chamado *Macroeconomia da Estagnação*. Foi um livro que escrevi da primeira à última linha para entender a economia brasileira e dar uma visão macroeconômica do Brasil. Naquele ano, a economia estava crescendo por causa do *boom* de *commodities* e eu parecia um bobo.

#### **Contra a corrente...**

Contra a corrente, certamente. Há um problema sério aí. A direita não quer saber disso, porque está bem para ela. Estão ricos, felizes, não precisam disso. E a esquerda no governo também achava tudo bem. Depois de feito o diagnóstico, é saber como saímos disso. Por que o Brasil não cresce desde 1994, como se

esperava? Porque o Brasil está numa armadilha macroeconômica de uma taxa de juros muito alta e uma taxa de câmbio muito apreciada, que inviabiliza o crescimento privado, ao mesmo tempo em que o investimento público vem sendo muito baixo. Para um país se desenvolver, ele precisa ter uma taxa de investimento elevada. A nossa taxa é 17%, 18%. Precisamos ter 25%, pelo menos. Não podemos [a taxa de 25%], porque o setor privado não é estimulado a investir, já que as expectativas de lucro são muito baixas. Por quê? Porque a taxa de câmbio, nesse período, esteve apreciada no longo prazo. O setor público, por sua vez, também investe pouco. O Estado gasta com juros, gasta no social, gasta com a máquina e não gasta o quanto deveria no investimento. Nos dois casos, no câmbio apreciado e no investimento público pequeno, é alta a preferência pelo consumo imediato. É um populismo econômico de caráter cambial.

#### **Que não cria raízes. É isso?**

As pessoas querem consumir rápido. Quando você tem uma taxa de câmbio apreciada, está todo mundo no paraíso, porque os salários, os juros, os aluguéis, os dividendos, tudo vale mais. Vai todo mundo para Miami, para Orlando. Agora, não. Agora veio a crise, o câmbio veio para o lugar certo.

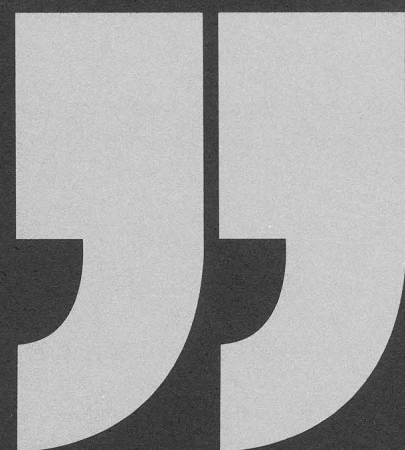
#### **Estamos no mundo real.**

É. Por que os brasileiros não são capazes de enfrentar esse problema? Primeiro, porque não fizeram o diagnóstico. Segundo, porque não sabem como é que se enfrenta. O problema da taxa de câmbio, por exemplo, você só resolve realmente se deixar de ter um déficit em conta corrente e passar a ter um superávit peque-

no em conta corrente. Os americanos dizem com grande elegância para nós: "É natural que países ricos transfiram seus capitais para os países pobres". Parece lógico, mas é uma enorme mentira. Costumo dizer que isso é tão verdade quanto é verdade que a terra é plana. Por que é mentira? O que significa precisar de capital de fora? Significa que você entra em um déficit de conta corrente. O déficit de conta corrente é toda sua exportação menos tudo o que você importa, inclusive serviços. Se há um déficit, isso significa que você precisa ser financiado com o capital deles. Então, eles trazem o capital deles, seja como empréstimo, seja como investimento direto. E os brasileiros acham que quanto maior for o déficit em conta corrente, melhor, desde que financiado por investimentos diretos. Por quê? Porque se é investimento direto, isso quer dizer que vai aumentar a taxa de investimento, e o País vai crescer. Ledo engano. Quando você entra em déficit em conta corrente, a sua taxa de câmbio se aprecia e as empresas industriais brasileiras deixam de ser competitivas. A soja e o ferro continuam competitivos, porque isso é *commodity*, mas a indústria se torna não competitiva. Foi o que aconteceu no Brasil. Quando você tenta crescer com a poupança alheia, isso aprecia o câmbio; apreciando o câmbio, você vai consumir em vez de investir.

#### **Um país pode voltar a crescer e não resolver a desigualdade?**

O Brasil já teve sua fase de crescer com desigualdade. Foi o período dos militares, ou mesmo o período de Getúlio, inicialmente. Depois disso, com a democracia, não há dúvida de uma coisa: o Brasil tem de crescer sem aumentar a desigualdade. A taxa de lucro dos empresá-



As elites não  
tinham interesse  
em alfabetizar o  
povo brasileiro.  
Nunca deram  
prioridade para  
essa questão

rios precisa ser satisfatória. Isso é uma restrição fundamental do capitalismo, um sistema econômico no qual o herói é o empresário, porque é ele que investe. O Estado investe uma parte menor, também importante. Mas quem investe 80% do total de investimento são os empresários. Eles só investem se a taxa de juros não for alta e a taxa esperada de lucro for razoavelmente boa. Então, essa é uma restrição. Na economia, existem cinco preços macroeconômicos: taxa de lucro (primeiro preço e mais importante), taxa de juros (preço do capital), taxa de câmbio (preço da moeda estrangeira e a mais estratégica das taxas), taxa de salários e taxa de inflação. Esses são os cinco preços macroeconômicos.

#### **Nessas regras é que estamos ancorados.**

O mercado é um maravilhoso sistema de coordenação, mas não funciona para coordenar a macroeconomia. Não garante que esses cinco preços fiquem no lugar certo. O que acontece no Brasil é que como a taxa de câmbio era apreciada no longo prazo, a taxa de lucro esperada era muito baixa. Além disso, a taxa de salários cresceu mais do que a produtividade. Os lucros caíram muito, as empresas não investiram e o País não cresceu. O fundamental é equilibrar esses cinco preços e distribuir renda ao mesmo tempo. Os salários precisam crescer com a produtividade. Para conseguir isso, precisa ter câmbio certo, inflação baixa e ajuste fiscal. Não há nenhuma razão para ter déficits fiscais enormes. Você deve ter zero de déficit em conta corrente e um déficit público muito pequeno. É preciso administrar corretamente a taxa de câmbio, sem âncora cambial. Controlar a inflação com o câmbio é um crime. E baixar os juros. A distribuição vem se

conseguirmos reduzir os juros e aumentar os impostos de forma progressiva. Isso é muito importante. Tem toda uma esquerda que quer distribuir renda no Brasil mediante política fiscal e déficit público. Isso é um absurdo, não faz sentido. Para distribuir renda, é fundamental gastar, ampliar, criar um Estado de bem-estar social, porque o padrão de vida que se consegue gastando em educação, saúde, assistência social, coletivamente, é muito maior do que pagando salário, é mais barato. E financiando esse gasto social com um sistema de impostos progressivos, ou seja, os ricos pagam mais do que os pobres. O efeito disso é impressionante.

#### **A ideologia atravessa o caminho da economia?**

O tempo todo. A economia é uma ciência social muito imperfeita, ela se transforma facilmente em ideologia. O que é o neoliberalismo? É transformar a economia numa ideologia dos mercados. Por outro lado, há uma esquerda que quer transformar a economia também numa forma irracional de distribuir renda. Quantas vezes eu briguei com meus amigos de esquerda, porque eles achavam que câmbio não era tudo. Os liberais não querem saber do câmbio também. Não por causa dos salários, mas por causa dos rentistas, pois eles representam os interesses dos rentistas e não querem prejudicá-los. Também estão muito identificados com os interesses estrangeiros. Para os países ricos, não interessa absolutamente que o Brasil tenha uma taxa de câmbio competitiva. Se o Brasil tiver um déficit em conta corrente e, portanto, uma taxa de câmbio não competitiva, para eles é ótimo. Eles vão exportar mais para nós do que importar,

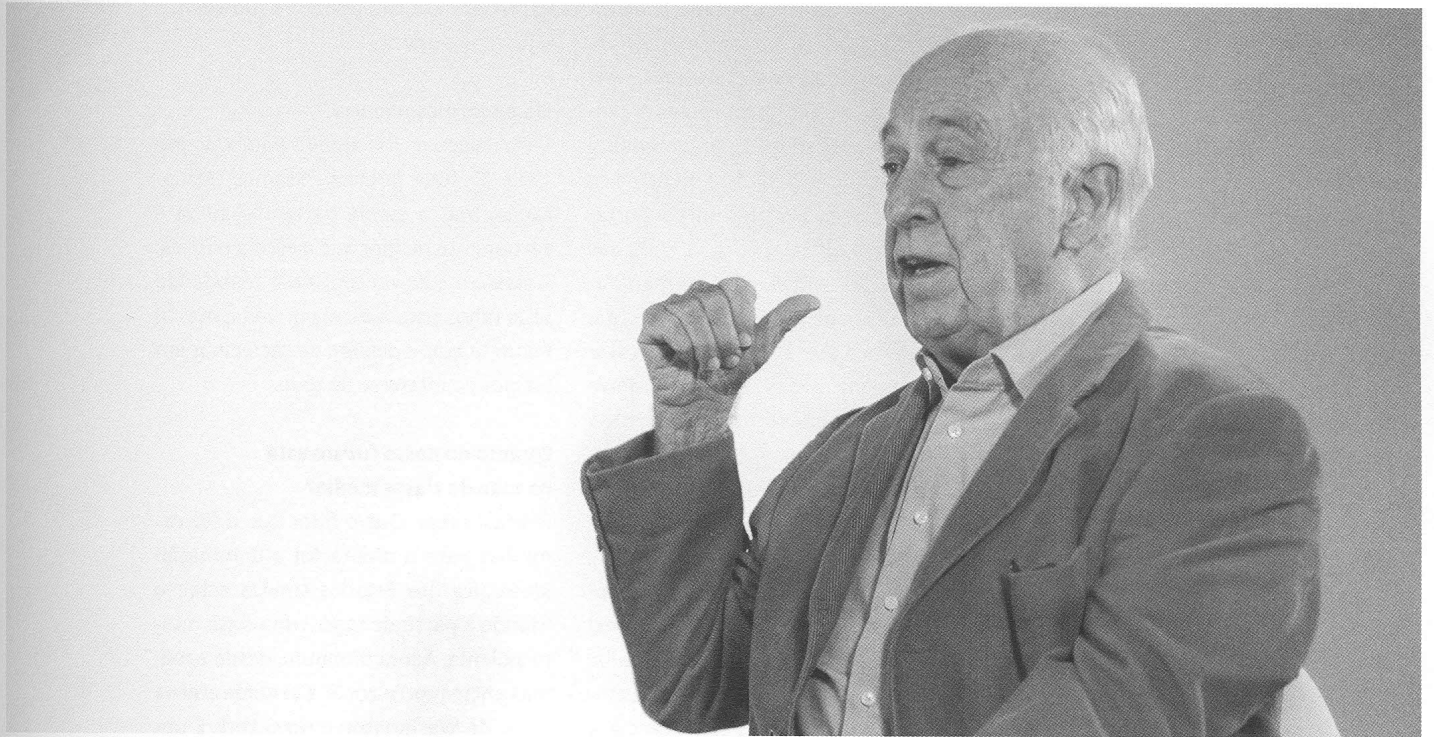
vão ter superávit em conta corrente em relação a nós e vão legitimar a entrada das empresas estrangeiras para ocupar o nosso mercado.

#### **Qual o papel do mercado e qual o do governo?**

Isso está bem claro para mim hoje. Primeiro, deve-se pensar em termos microeconômicos, em termos das empresas. Deve-se dividir a economia brasileira, como a economia americana, como a chinesa, em dois setores: um setor competitivo e um setor menor, mas de grandes empresas, infraestrutura e algumas empresas de base. O mercado é muito melhor do que o Estado para coordenar a atividade empresarial de centenas, de milhares de empresários e suas ideias, suas invenções. Já no outro setor, precisa-se de planejamento do Estado. Essa é a primeira regra. A segunda é que existe a macroeconomia, aqueles cinco preços que disse. Estamos cansados de saber que na macroeconomia o mercado não funciona.

#### **No câmbio, na inflação...**

Câmbio, taxa de inflação, taxa de juros, taxa de lucros e taxa de salários. Se esses cinco preços estivessem sempre certos, nunca teríamos crise nenhuma. Seria um mundo perfeito. O mercado, definitivamente, não garante essas coisas. Eles dizem que basta que o Estado não gaste muito que vai se conseguir isso. É falso. Existem mil casos de países que estavam com equilíbrio nas suas contas fiscais e, no entanto, entraram em crise. É preciso uma política macroeconômica muito ativa, que não pode ser apenas monetária e fiscal, precisa ser também uma política cambial. Existe uma tendência de sobreapreciação da taxa de câmbio



cíclica e crônica no longo prazo. Cíclica porque vai de crise em crise. Tivemos uma crise em 2002 e temos uma agora.

**O senhor é mais otimista com relação ao que estamos vivendo?**

Eu estou mais pessimista, vai demorar mais do que eu esperava. Tanto é assim que estou fazendo uma proposta de ajuste fiscal. Meus amigos de esquerda ficam bravos por causa disso, mas sou keynesiano. Acho que só se pode fazer expansão fiscal quando há uma crise. Quando o ex-ministro da Fazenda Joaquim Levy defendeu a ideia de um ajuste fiscal, eu examinei bem a coisa e concordei com ele.

**Como fazer o ajuste fiscal?**

Minha proposta é fazermos o ajuste em termos de poupança pública. Quero que o ajuste seja firme em relação ao gasto corrente ou de consumo do Estado, para que o Estado possa aumentar rapidamente os investimentos nos próximos anos. A despesa que realmente é ruim é a despesa corrente. Essa, nós precisamos controlar. Mas vamos soltar o investimento público, porque isso é uma forma de a economia sair da crise.

**E a reforma da previdência?**

É muito importante fazer, de forma que não atinja diretamente quem está se aposentando. A participação dos velhos na população está aumentando fortemente. A população já parou de crescer há mais de 20 anos. Temos de fazer essa reforma. Não há dúvida nenhuma.

**Quais são as suas propostas e medidas para retomar o crescimento?**

O grande projeto de desenvolvimento que fez o Brasil crescer enormemente

entre 1930 e 1980 era um projeto de industrialização. Nós nos desindustrializamos fortemente nesses 35 anos, desde 1980, e agora o grande processo tem que ser a reindustrialização, entendida como sofisticação produtiva. O Brasil se transformou novamente num exportador de *commodities*. Em 1990, 62% das exportações do Brasil eram de manufaturados. Hoje, são 35%. Outra coisa é que nós queremos que a taxa de juros baixe e, para isso, precisamos que a Selic deixe de existir. Em lugar nenhum existe uma taxa básica de juros indexada. O Plano Real foi um grande plano de desindexação da economia. A alta inflação que tivemos de 1980 até 1994 estava baseada, fundamentalmente, na inércia inflacionária, nas indexações formal e informal da economia. A inércia foi neutralizada, mas deixaram ainda algumas coisas indexadas. Em nenhuma circunstância a indexação é legítima. Defendo que se faça uma lei proibindo o Estado brasileiro de assinar qualquer contrato que tenha cláusula de indexação.

**Que Brasil vê no horizonte, professor Bresser?**

Não sei. Há uns que resolvem todos os problemas tirando o PT do governo, outros que resolvem todos os problemas gastando mais do que pode gastar. Coisas pouco racionais, pouco razoáveis. É hora de as elites se juntarem. É uma questão de salvação nacional. A República é uma coisa séria, precisamos cuidar dela. Nesses últimos anos, os resultados econômicos têm sido ruins. Quem tem sofrido é a classe média, porque os ricos continuaram ainda mais ricos e os pobres, especialmente no governo do PT, tiveram uma melhoria substancial. Mas a classe média, essa ficou sem grandes

vantagens. Ela não utiliza a saúde nem a educação públicas.

**Ela paga, mas não usa.**

É. Ela deixou de dar apoio à educação pública, à saúde pública. Estamos melhorando, mas a escola particular ainda é certamente melhor que a escola pública. A classe média vai continuar mandando seus filhos para a escola privada, mas aí ficam bravos e deixam de raciocinar em termos do interesse do todo.

**Quanto do nosso futuro está na mão da classe média?**

É difícil saber. Outro fator que a fez caminhar para a direita foi a dominação ideológica dos Estados Unidos sobre o mundo a partir de 1990. Uma coisa muito violenta. Agora diminuiu, desde 2008, mas entre 1990 e 2008, a verdade eterna vinha de Washington e Nova York. É um deslumbramento. Isso nos fazia muito alienados dos nossos interesses.



CACO  
GALHARDO

